

## REFLEXÕES DE UM *FLANEUR* NO CAMPUS

Augusto Rodrigues<sup>1</sup>

Vou sair daqui agora. Três horas e meia de pesquisa bibliográfica ininterrupta... Pausa. Ar. O sol está brilhando lá fora por entre nuvens: finalmente as chuvas pararam um pouco de nos punir e deixaram que o sol aparecesse... Estranho, ninguém nos balcões nem aqui fora nos bancos? A bancada dos livros usados não está aí ainda... Ninguém também sentado nas nossas escadarias dos corrimãos enferrujados... A rua está completamente tranqüila e deserta... Parece que não há viva alma por aqui. Claro que não: período de férias. Nas férias o campus fica quase sempre deserto. Mas onde estarão todos, realmente? Viajando talvez em algum sítio tropical ou rural enquanto vago aqui sozinho? “Até onde se pode ver, não há sequer uma pessoa indo pela calçada irregular e barrenta do nosso lado da avenida, e a única movimentação que existe é aquela de uns poucos carros passando aqui e ali”. Vou atravessar a rua e andar por lá – a calçada do outro lado é mais larga e seca. Dois carros estacionados. Em época de aula, às vezes é difícil ver *uma* vaga livre aqui na frente... “As folhas das árvores brilham silenciosas com o sol da tarde, que ilumina agora soberano o nosso horizonte acadêmico”. É um panorama de fato idílico.

Bem que poderia descrever esta paisagem em forma de texto. Será? Talvez sim. Não deixo de sentir uma atração por esta cidade dentro da cidade, isto é, pelo elemento exótico e pitoresco deste cenário, que me salta aos olhos quando ando por aqui. Além disso, mesmo como paulistano nativo e ainda assim capaz de ser atraído pelo caráter pitoresco da cidade universitária, também tenho uma ligação com este lugar que não é de hoje.

“A minha ligação com o campus é mais antiga do que os anos delimitados pela pós-graduação. Estas ruas arborizadas e silenciosas nunca deixam de me trazer de volta lembranças longínquas da infância, pois era aqui, nessas mesmas ruas, que meus pais e, às vezes, os pais de amigos, me traziam em fins de semana para andar de bicicleta quando tinha 10 anos e não sabia ainda que o campus era o campus, e muito menos que viria a estudar aqui vinte anos depois. Este grande complexo de longas ruas desertas cercadas de florestas e barrancos era para mim nada além de um espaço suspenso na topografia da cidade, sem que pudesse ser colocado em referência com qualquer outro ponto definido. Lembro-me que guardava imagens apenas dos

---

<sup>1</sup> Tradutor e mestrando em Literatura Alemã (FFLCH – USP). E-mail para contato: rodtkebr@yahoo.com

grandes espaços verdes e trechos de ruas segmentados por lombadas, bem como dos pontos de ônibus desertos, que hoje posso localizar com precisão tanto aqui dentro do campus quanto em relação ao mapa da cidade lá fora. Todas essas características dessa paisagem pitoresca neste oásis no meio da metrópole aparecem em minhas lembranças como aqueles motivos profundos, tão profundos quanto todos os que nos remetem ao passado, a um passado vivenciado num local ainda presente. E são esses motivos que nos levam a querer descrever essas paisagens, ou ainda, *narrá-las*’.

Sim, poderia ser formulado mais ou menos assim. Mas *narrá-las* de que modo? Uma infância em São Paulo. Assim como uma infância em Paris ou uma infância em Berlim. Ou ainda uma infância em Istambul. Um texto de beleza poética, e não de natureza científica, no qual a memória serve de inspiração, e não de fonte... O *flâneur* paulistano que alude àquele tipo criado pela cidade de Paris, como um Apollinaire ou um Léautaud; mas não só esses, e sim também àqueles perambuladores do século XX e até do nosso tempo, mas que mesmo assim já se tornaram clássicos pela extraordinária profundidade e colorido com que compuseram em si mesmos uma figura parecida com a do errante francês desenraizado: como o turco sonhador da família ocidentalizada e secularizada de Nişantaşı, que, na infância, observava o tempo passar à medida que observava (e contava) da sua janela os navios passando pelo Estreito de Bósforo... Ou flanava sem rumo pelas ruas em volta da Praça Taksim e outras regiões remotas da cidade, sempre que tinha alguma briga com a mãe... Até hoje, aliás, segundo ele mesmo, faz longas caminhadas por Istambul, mesmo apesar de passar a maior parte do dia fechado no seu escritório... A Cidade Universitária como uma “cidade do flânar”, onde me perco como me perderia numa floresta... Mas é claro que sem todas aquelas implicações sociais e históricas do “labirinto da metrópole moderna”, já que o campus não é uma metrópole, apesar de ser também um labirinto, e estar *dentro* de uma metrópole moderna, na qual se pode observar tudo o que os velhos *flâneurs* europeus observaram nas *suas* metrópoles modernas...

A Praça dos Bancos está igualmente deserta. Dentro dos bancos deve haver gente, mesmo que pouca, pelo baixo número de carros estacionados aqui em frente. Bancos sem filas... Sempre uma miragem para os miseráveis paulistanos... Franz Hessel era um *flâneur*, e um modelo exemplar desse andarilho, segundo seu admirador mais ilustre de Charlottenburg, que, por sua vez, e muito estranhamente, não se considerava a si mesmo como tal, mas sim usava a figura do *flâneur* apenas *como instrumento de orientação e mapeamento da sociedade*, já que por meio das andanças dessa figura ele podia observar e descrever os diferentes estratos sociais da grande cidade... No

fundo, todo *homme de lettres* é um *flâneur* no sentido puro de *andarilho* ou no sentido original de *vagabundo*, seja ele poeta, prosador, dramaturgo ou crítico, independentemente das intenções de representação da História ou da sociedade... “Todas as grandes idéias são formuladas durante caminhadas”. Pode até ser verdade. Nietzsche era um passeador compulsivo (Turim, Sils-Maria, etc), assim como também o eram seus antecessores Schopenhauer e Kant (que podia ser visto saindo da sua casa em Königsberg para a caminhada todos os dias na mesma hora). Pamuk podia representar, nos dias de hoje, o andarilho urbano parisiense de outrora bastante bem. Sim, o que aquelas suas memórias de infância e da atmosfera melancólica da sua cidade em volta do Bósforo revelam é um autêntico *amor* pela cidade natal, e isso, tendo em mente que o que compele o *passante* a relatar sobre uma cidade é justamente o que ela possui de exótico e pitoresco, elementos em geral percebidos somente pelos olhos de estrangeiros e não nativos, é sem dúvida algo digno de nota. A melancolia (*hüzün*) do andarilho turco, que toda a sua cidade compartilhava, pode ser relacionada à melancolia (*Melancholie*) do andarilho alemão, à melancolia (*mélancolie*) do andarilho francês (Montaigne, Flaubert, Baudelaire, Nerval), e à do andarilho brasileiro, à minha própria, que me persegue quando me perco tantas vezes pelo labirinto do campus e fora dele, no bairro onde moro... A melancolia que é tão presente – não só presente, mas *marcante* – no caráter de todo andarilho *bohémien*. De dia ou de noite, a visão dos prédios, casas, passagens, galerias, lojas, mercados, vendedores de rua, camelôs, bares, restaurantes, outras pessoas caminhando sozinhas ou com seus filhos pequenos, seus cães, pontos de ônibus lotados ou desertos, estações de trem ou metrô, parques, praças, dos carros que passam de forma ininterrupta ou não passam pelas ruas ou avenidas: tudo isso enche o ocioso sonhador de melancolia, da mais autêntica e mais intensamente sentida, que constitui, de fato, *alimento* fundamental para a sua alma...

Vindo da Letras, a visão do prédio de cobertura azul da Economia inspira analogias: é como vir da Rússia dos anos de 1920 ou ainda da Berlim Oriental comunista da década de 1960 à Europa capitalista e desenvolvida do século XXI. Não é como para um alemão berlinense retornar de Moscou a Berlim na segunda metade da década de 1920 e aprender, a partir daí, a olhar a sua cidade sob uma ótica diversa e começar a dar mais valor ao que ali se observa e ao que ali se tem; é, sim, como para um brasileiro sair da periferia de São Paulo e ir a Berlim ou a Paris nos dias de hoje... “O prédio velho de tampões rosados e paredes brancas encardidas, repletas de pixações, rabiscos e restos de cartazes arrancados, frontado por trechos de mato alto entremeados de barro e lama dá lugar aqui a uma construção limpa, equilibrada, bem pintada, semelhante à de um museu de arte, frontada por um jardim aparado cuidadosamente, de um

verde saudável, onde os três mastros ostentam alegres as bandeiras da cidade, do país e da própria faculdade”. Poderia ser dito mais ou menos assim. “As lixeiras suspensas de plástico duro, equipadas com um cinzeiro lateral para os fumantes, dizem ‘FEA’ em letras azuis sobre o fundo branco limpo”. E ainda: “A entrada do prédio, de portas de vidro transparentes, dá acesso a um interior claro e limpo que lembra, segundo uma amiga berlinense, uma instituição educacional européia das mais modernas”. Algo assim. E mencionar também que, lá atrás, comemos no “templo” dos dois andares, com a fachada alta e imponente – o restaurante espaçoso, com as mesinhas do lado de fora no piso térreo, onde me sentei e me sento tantas vezes com uns colegas e às vezes meu irmão para papos longos e capuccinos... Até a minha ex-namorada já encontrei lá para um café... “Exes”: o perambulador urbano só pode se referir a “*ex-namoradas*” ou “*ex-esposas*” e não a “*namoradas*” ou “*esposas*”... Parece que o caráter *pretérito* dos seus relacionamentos afetivos é outro aspecto que os aproxima uns dos outros... Aliás, como estará a Gabi em Berlim? Depois que terminou o intercâmbio e voltou para lá eu não soube mais nada dela... Será que ela se lembra dos nossos cafés na FEA? E das tantas discussões animadas sobre o choque cultural entre o Brasil e a Alemanha? *Ex-amigas*... De qualquer forma, a situação do cenário da *Flanerie* no texto não precisa ser como a de hoje: é melhor que seja talvez em época de aula, quando estas ruas, calçadas e caminhos estão apinhados de gente: centenas de alunos, professores, pesquisadores, funcionários, circulando para lá e para cá no campus, às vezes em *massas*, de manhã, de tarde e de noite... O errante em meio à *massa*... *The Man of the Crowd* de Poe... O *flaneur* que combina a realidade das massas humanas da metrópole (São Paulo) com a beleza idílica da natureza (campus), como contemplada antigamente pelo velho *Wanderer*... Sim...

Para quem vem da FEA, a visão do prédio da Engenharia causa impressões não muito diferentes. O “cirquinho”, esse enorme disco voador amarelo sem antenas ou escadas levadiças, oculta a entrada do prédio principal lá atrás, escurecida por ele. Quem não conhece a faculdade não imagina que aquelas portinhas ali em cima são de salas de aula, e que os alunos de fato têm aulas ali, em salas cujo formato acompanha a estrutura afunilada do prédio... O gramado ralo e barrento do lado de quem vem da FEA remete o paulistano da periferia de volta de Berlim e de Paris à sua própria realidade... O monumento a Ramos de Azevedo, porém, pode bem que remetê-lo de volta à Europa, mas desta vez à Grécia antiga: este conjunto alto e majestoso do cavalo alado montado, sobre a arquitrave sustentada pelas quatro colunas dóricas duplas pode transportar o paulistano da periferia à região clássica cercada pelo Egeu e o Jônico... Como será, aliás, que trouxeram o monumento de lá da Avenida Tiradentes até aqui? E ainda mais com a

tecnologia de transporte disponível na década de 1970? Deve ter sido um esforço e tanto. A Praça Ramos de Azevedo foi batizada com o nome do engenheiro-arquiteto depois que o monumento foi transferido para cá ou o monumento foi colocado aqui porque a praça levava o nome dele? Ou é porque participou da fundação da Politécnica? Ah! Será que foi ele que projetou também o “cirquinho”? Enfim, preciso verificar tudo isso antes de escrever qualquer coisa a respeito... Mais um ponto de ônibus deserto... Esse ponto da Poli, aliás, parece estar sempre cheio em época de aula, mais até que o da Letras. Bom, também não passo quase por aqui em época de aula. Geralmente vou mais para o lado da Praça do Relógio e da Reitoria... Perambulo indefinidamente pelos blocos do CRUSP na Rua do Anfiteatro, que me remetem à infância feliz, e depois dentro do CEPEUSP, pela trilha em volta dos campos de futebol e pelos caminhos em volta das quadras, de preferência quando estão todos vazios... A minha melancolia aumenta na contemplação da paisagem deserta, assim como está hoje... Acho que vou voltar à biblioteca agora – a tarde já está caindo e o tempo, fechando. Daqui a pouco volta a chuva. Vou terminar a cota de hoje da pesquisa que comecei e depois tentar organizar essas idéias. Espero que não saia algo demasiado acadêmico... O texto deve ser *inspirado*, em experiências atuais e lembranças de infância, e não cientificamente fundamentado... Será que as experiências atuais e as lembranças de infância servirão de *inspiração* suficiente? Quando discorreu aquela vez sobre o que entendia como *disposição* para escrever, mas querendo dar a entender *inspiração*, e o que de fato a trazia, Thomas Mann disse: “Inspiração é bom sono, frescor, trabalho diário, *caminhadas*, ar puro, pouca gente, bons livros, paz, paz...” (itálico nosso). Se for isso mesmo, acho que a inspiração virá... Apesar de obviamente não ter sido um *flaneur* na concepção germânica do termo francês, Mann foi outro andarilho notório em todas as fases da sua vida, desde Lübeck e Munique até Kilchberg perto de Zurique, passando pelas épocas no sul da França, Küsnacht, Princeton e Los Angeles... Li em algum lugar (onde foi mesmo?) que alguns dos seus vizinhos americanos em Pacific Palisades até estranhavam aquele senhor andando a pé tantas vezes colina acima e abaixo, enquanto todos lá se deslocavam sempre de carro... A chuva está mesmo chegando: é melhor voltar à minha pesquisa bibliográfica por enquanto e não me desviar do meu caminho...